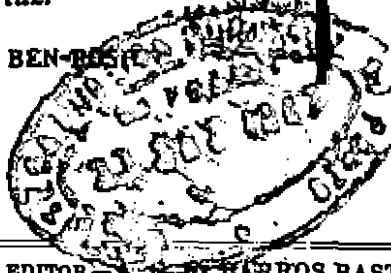


Tudo se ilumina
para aquele que
busca a luz.

BEN-ROSH



ה ל פ י ד

... alumia-vos
e aponta-vos o
caminho.

BEN-ROSH

(HA-LAPID)
O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — A. G. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haim
Rua Guerra Junqueiro, 340 — PORTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A
Rua da Fábrica, 80
PORTO

Os Judeus na cidade de Barcelos.

**ou o impedimento para que se não consulte o manuscrito
«Titulo dos Judeus que sebatizarão em pé na Villa de
Barcellos no ano de 1497»**

POR AMILCAR PAULO
(LEVI BEN-HAR)

Numa casa fidalga do Minho existe uma cópia deste desconhecido manuscrito, que é avaramente guardado.

Há alguns anos, diz o Sr. Dr. J. A. Pires de Lima, uma pessoa fez esforços para consultar o dito manuscrito, a que a terminologia local chama *Tição*. Depois de muitas hesitações, a nobre dama sua possuidora, negou-se a mostrá-lo, afirmando categoricamente que ninguém lhe poria a vista em cima. Isto disse-se e escreveu-se.

A razão que influi nesta persistente recusa, sempre que nova e desditosa tentativa surge, para consultar tão interessante fonte de estudo sobre os judeus de Barcelos, é de muitos sabida, pois corre no público, que a nobre família dos possuidores, receiam, que o manuscrito revele algum enxerto de cristã-novice, desprezando-os os descendentes, pelo grave defeito de serem pertença do Povo de Israel.

É isto bem estranho, nestes tempos em que a legislação portuguesa, reconhece e garante a plena liberdade de consciência a todos os cidadãos; em que existem Israelitas em Portugal, ocupando lugares de destaque, entre as mais elevadas camadas sociais e que bem publicamente manifestam as suas origens.

Mas se o célebre manuscrito for lançado ao fogo, nem por isso o sangue nobre de Israel, deixará de correr nas veias de alguns barcelenses, o que não é desdouro. E para tirar o pretexto, fazer desaparecer o medo de que se saiba, pelo *Tição*, que houve judeus em Barcelos que deixaram numerosa e hoje conhecida descendência, ornada até com títulos nobiliárquicos, reproduzo aqui algumas passagens do manuscrito 227 da Biblioteca Municipal do Porto, intitulado: *«Traslado de hum Caderno que achei na Caza de João de Sá, e Sotomajor o qual papel serrefere a outro escripto e copiado por letra de Gaspar Borges Cujo titulo dizia Livro da Geração dos Judeos deentre Douro e Minho dos da Villa de Barcelos donde antigam.^{te} era sua sinagoga aqual: estava na Rua nova em Huüns cazaes que estão por baixo dos do Cantinho quando himos por Sima a mão esquerda, e toda aquela Rua era dos Judeos Como ainda hoje he; e por haver Sinagoga nesta Rua eser da Casa de Aborim tinha um privilegio que lhe concederão os Reis deste Reino...»*

Este privilégio data do reinado de D. Afonso IV, quando o senhor da casa de Aborim, obrou prodígios na batalha do Salado, ficando aquele fidalgo com o domínio

A questão da Palestina perante a ONU

QUE SERÁ DECIDIDO?

POR SYLVIA

«O que nos pedis é a entrega da chave da porta mais importante do próximo Oriente, o que muito hesito fazer»

BEVIN

A O. N. U convocou para uma reunião especial os 54 países que a constituem.

O assunto a tratar é de extraordinária importância. Trata-se de uma luta entre o direito e a Justiça, e, como diz o «New York Herald», «a rede dos interesses das grandes potências no Mediterrâneo».

Converteu-se uma questão justa e simples, como é a da Palestina, num problema cheio de complicações. A política, de mistura com a estratégia e o petróleo, fez da Palestina um campo de lutas, de tal maneira que a Inglaterra se viu obrigada a recorrer à O. N. U. para solucionar a questão.

Como a Palestina foi prometida aos Judeus para a criação do seu lar nacional

O actual problema da Palestina data desde Outubro de 1914, quando a Turquia,

sobre as judiarias de Barcelos, Braga, etc.. A Rua Nova, onde estava situada a judiaria de Barcelos, veio mais tarde a chamar-se Rua dos Lanterneiros, hoje Rua do Infante D. Henrique. A judiaria era fechada por dois portões de ferro, ao toque do sino da oração, na Igreja Matriz de Santa Maria Maior. A sinagoga estava situada no local onde hoje se ergue a Estação Telégrafo-Postal. Num dos arrabaldes da povoação estava o cemitério judaico, cujo local se não pode já identificar.

O dito manuscrito cita, entre outros, os seguintes judeus naturais de Barcelos ou de aí descendentes.

Madame Thomas, cuja filha foi presa e queimada pela Inquisição, com 80 anos de idade, a qual se chamava Leonor Nunes. Uma irmã de nome Guiomar Nunes, casou com Jerónimo Saraiva de Mesão-Frio, ten-deiro em Barcelos.

A esta família estava ligado o avô da mulher de Pedro Saraiva, médico em Braga.

Salvador Saraiva, advogado em Barcelos, casado com Catarina Gomes, natural de Vila do Conde e sogra do médico Simão Pereira.

ao colocar-se ao lado dos alemães, declarou guerra aos aliados. Foi nesse momento que surgiu a questão do destino da Palestina se os ingleses entrassem vitoriosos em Jerusalém. A Inglaterra tinha três alternativas:

1.º Conservar, segundo as leis da guerra, o território conquistado, incorporando-o no Império;

2.º Ceder a Palestina aos árabes que constituíam a maioria da população;

3.º Entregar a Palestina aos Sionistas permitindo-lhes assim a realização dos seus planos.

A primeira solução não foi possível, por

Manuel de Barros, abade de Cambezes, junto a Monção, foi preso pelo Santo Officio por *Erros de Fé*. Inquirida uma testemunha, Alfredo da Silva, de 60 anos, depôs que Manuel de Barros, era filho de uma judia de Barcelos.

No auto-de-fé que se realizou em Lisboa, no ano de 1596, foi queimado o médico Tomás Nunes, que tinha família em Barcelos.

Tomé Nunes, médico, queimado em Lisboa, «disputou, diz o citado manuscrito, com os Inquisidores sobre a *Biblia* erectivamente, e confeçou matar muitos Abades, Frades e Freiras maliciosamente, por serem bons Christaons».

Descreve ainda o mesmo manuscrito o caso da tendeira Leonor Dias conhecida pela alcunha de a «Judia de Fam», natural da Vila de Mogadouro, donde fugira, vindo amancebar-se com o abade de Cristelo.

Refere-se o curioso manuscrito, a muitos outros judeus, médicos e advogados, originários de Barcelos. É também numerosa a relação de judeus barcelenses perseguidos pela Inquisição.

os ingleses haverem aderido à política de não-anexação, proclamada por Wilson, então Presidente dos Estados Unidos. Esta política aplicava-se também ao caso da Palestina.

A segunda possibilidade foi eliminada pelos próprios ingleses, como se pode ver pela correspondência trocada entre o Xerife Hussein, de Meca, e Mc Mahon, alto comissário do Egito.

Os ingleses escolheram, por conseguinte, a terceira alternativa, publicando, solenemente, a 2 de Novembro de 1917, a Declaração Balfour, na qual manifestam as suas simpatias pelo Movimento Sionista, comprometendo-se a fazer todo o possível para facilitar ao povo judeu o estabelecimento de um «Lar Nacional» na Palestina. Desta maneira foi reconhecida, implicitamente, a unidade do povo judeu como nação, e não como entidade religiosa.

A Palestina destinava-se, portanto, a ser unicamente o «Lar Nacional» do povo judeu, e estadistas como Lloyd George, então Primeiro Ministro, Churchill e o General Smuts, explicaram que se tratava de estabelecer um Estado judaico. Mr. Bonar Law, Primeiro Ministro de Inglaterra em 1920, definia a Declaração Balfour como «a promessa, feita pelos aliados, de *restituir* ao povo judeu a Palestina».

Este compromisso britânico foi endossado pelos 52 países que constituíam a Sociedade das Nações. A Palestina, como outros territórios conquistados, haviam sido postos em regime de mandato pela S. D. N., *até esses territórios se tornarem capazes de se manterem por si mesmos.*

No tocante à Palestina, a S. D. N., pelo art. 2.º, determinou que a potência mandatária teria de facilitar a imigração, para garantir o estabelecimento do «Lar Nacional» judeu.

Os judeus declaram-se de acordo com a decisão, com tanto mais entusiasmo, por quanto o mandato ia ser confiado à Inglaterra, o primeiro país que reconhecera as suas necessidades e a querer corrigir um mal secular infligido a este povo mártir.

O Livro Branco — origem do mal presente

A despeito de todas as dificuldades levantadas no seu caminho, os judeus fize-

ram progredir a Palestina de maneira extraordinária. Os próprios ingleses foram os primeiros a reconhecê-lo. Foram as imposições do Livro Branco, em 1939, que vibraram nos judeus o grande golpe, estipulando que devia ser refreada a imigração até parar completamente, e proibindo aos judeus a aquisição das terras para colonizar, numa área de 82% do território total da Palestina.

Os judeus protestaram contra o que consideram uma violação dos seus direitos, e a S. D. N., para a qual apelaram, rejeitou, em 1939, o Livro Branco, como incompatível com o mandato, e que foi reprovado também por políticos como Churchill, e especialmente, pelo próprio Partido Trabalhista britânico.

Apesar disso, a política do Livro Branco foi mantida.

Ao declarar-se a segunda guerra mundial, os judeus suspenderam, imediatamente, a luta contra esta política, para se colocarem ao lado dos aliados. O número de soldados judeus, em todos os exércitos aliados atingiu mais de 1 milhão de homens; a própria Palestina, apesar de pequena, forneceu aos ingleses 30.000 voluntários que combateram em todas as frentes.

Terminada a guerra, era de supor que a política de pretenso apaziguamento dos árabes perante a ameaça de conflito desapareceria.

Os judeus esperavam, visto que já podiam manter-se e governar-se por si mesmos, que a S. D. N. reconhecesse a inutilidade do mandato, permitindo a criação do Estado Judeu independente.

Mas não sucedeu assim! Apesar de reprovado por todos os lados, o Livro Branco foi mantido, e, em manifesta oposição às grandes necessidades das massas de deslocados e refugiados, as portas da Palestina continuam fechadas.

Será de surpreender, portanto, que tenha deixado de haver tranquilidade na Terra Santa? Grupos dissidentes, tais como o «Irgun Zvai Leumi» e o «Stern», constituíram-se, entretanto, negando-se a colaborar numa política de conciliação, que — dizem eles — provou ser catastrófica para o seu povo.

Se as portas da Palestina estivessem abertas, durante a guerra, centenas de mi-

lhares de seres humanos, que foram chacinados pelos alemães, teriam escapado ao morticínio!

Em virtude da resistência armada desses grupos e do emprego do que se conhece pela denominação de «métodos terroristas», continua a haver desordens na Palestina.

Entretanto, a opinião pública de toda a parte, especialmente a dos Estados Unidos, tem-se manifestado a favor de uma Palestina judaica, o que levou agora a Inglaterra a dirigir-se à O. N. U.

As principais partes no processo perante a ONU: a Inglaterra e o Povo Judeu

Tempos houve em que se atribuiu o arraial de forças militares na Palestina à necessidade de manter a paz entre judeus e árabes; hoje, porém, fala-se claramente.

Churchill explica, na Câmara dos Comuns, que, para defender o Canal de Suez, a Ilha de Chipre é tão vantajosa como a Palestina, e pede, por conseguinte, que os 100.000 soldados ingleses fixados na Palestina sejam transferidos para a Ilha de Chipre. Mas, em vez da transferência dos soldados, são os refugiados judeus que tentam entrar na Palestina os transferidos para os campos daquela ilha.

Bevin é ainda mais explícito. Numa conversação que teve com um dos dirigentes da Agência Hebraica, Sr. Nahum Goldmann, o Ministro dos Estrangeiros britânico declarou:

«O que nos pedis é a entrega da chave da porta mais importante do Próximo Oriente, o que muito hesito em fazer.»

A Palestina é por conseguinte, como se vê, considerada um importante ponto estratégico para o império britânico.

Por outro lado, os judeus, para os quais a Palestina é hoje, mais do que nunca, uma questão vital, pedem que seja satisfeito o compromisso que os povos do mundo contraíram para com eles. Se o aspecto moral não bastasse, havia agora o fundamento legal, inequívoco, em que os judeus se apoiam.

A O. N. U. terá, portanto, que decidir entre uma questão de direito e de justiça e o desejo de posse emanado de um grande império, por motivos de ordem estratégica.

O problema árabe é um problema artificial

O problema árabe na Palestina foi criado, artificialmente, e contra os próprios interesses do mesmo povo.

No seu prefácio ao livro «A Palestina, outro Munique» (1), o Dr. António Sérgio distingue, lúcidamente, «que uma coisa é o interesse do povo árabe, e outra o dos magnates dos Estados árabes, senhores feudais de que o povo é vítima».

São estes senhores, fascistas confessos e colaboradores activos dos nazis durante a guerra, que se arvoraram em «dirigentes» que não foram, directa nem indirectamente, eleitos pelo povo, «dirigentes» que ninguém escolheu, que se impuseram, como verdadeiros déspotas, nos países árabes.

No decurso de uma das audiências convocadas pela Comissão de Inquérito Anglo-Americano, um dos seus componentes, Mr. Crossman, perguntou a um desses «dirigentes» donde lhe provinha o direito de falar em nome dos árabes, e quem o escolheu ou elegera para tanto... O interpelado respondeu, com frieza e sem titubear, que não fora escolhido por ninguém, mas que insistia em falar em nome dos árabes. Para estes «dirigentes» o despotismo é coisa natural.

São estes mesmos senhores que formaram «Comissões Árabes» e criaram a «Liga Árabe». «A principal, se não a única força coersiva da «Liga Árabe é uma xenofobia entranhada e tradicional, dirigida, conforme as circunstâncias, contra franceses, ingleses ou judeus» (2).

Como é que a O. N. U., que se negou a receber no seu grémio como membros, países acusados de terem dirigentes fascistas teria aceite esses Efêndis e Pachás se eles não fossem protegidos por países interessados no petróleo de que tais senhores são detentores?

Em doloroso contraste com os senhores feudais árabes, vemos o povo árabe vegetar, submetido a uma vida desumana, explorado como em parte nenhuma do mundo, por esses «dirigentes».

(1) V.º «A Palestina, outro Munique?».

(2) V.º «A Palestina, outro Munique?», pág. 15.

Não advirá qualquer «melhoria da condição miserável dos árabes, pelo facto de um novo governo ir engrossar o número dos governos árabes já existentes em quantidade. Também não lhes trará qualquer benefício a proclamação de mais um rei, a acrescentar aos outros.

A melhoria de vida do povo árabe só pode conseguir-se com o aumento do seu bem estar e da sua consciência cívica e social.

Ora, graças à imaginação judaica, esse fenómeno já se produziu.

A mortalidade da criança árabe desceu a 30 %.

Em 1920, havia na Palestina 244 escolas árabes; hoje o seu número ascende a 770 e o de alunos quadruplicou.

A população árabe, aliás, aumentou sensivelmente, de cerca de 500.000 indivíduos, depois da primeira guerra mundial, para mais de 1 milhão, também devido à afluência de árabes dos povos vizinhos, atraídos pelo bem estar que disfrutam na Palestina.

Mac Donald então secretário de Estado das Colónias, declarou, em Novembro de 1938, na Câmara dos Comuns: «...se não imigrasse um único judeu para a Palestina, depois de 1918, a população não teria aumentado, como era de regra, sob o domínio turco». E acrescentara: «Deve-se ao facto de os judeus levarem para a Palestina, serviços de saúde e higiene, bem como outros benefícios, muitos homens e muitas crianças árabes estarem hoje vivas; assim as crianças árabes puderam nascer e crescer».

Um agricultor (felá) árabe — 65 % dos árabes emprega-se na agricultura — ganha, na Palestina, 4 vezes o que recebe um campónio árabe no Egipto; um operário árabe, na Palestina, ganha 800 % mais do que um trabalhador no Iraque.

A imigração judaica levou para a Palestina o progresso e a civilização de que disfrutam hoje as massas árabes, as quais, tornando-se conscientes da sua situação, procuram libertar-se do jugo escravizado que os oprime.

Ora, é isto que vai contra os interesses dos grandes senhores feudais árabes; é isto que se encontra na origem do ódio que tais personagens votam aos colonos que levaram para a Palestina a civilização e o progresso.

Que decidirá a ONU?

Para os povos que se não interessam pela Palestina sob o ponto de vista político e estratégico, etc., a questão não mudou. Reconheceram aqueles, em 1922, os direitos históricos do povo judeu à Palestina e a necessidade deste ter um Estado independente.

Mas, hoje, essa necessidade ainda é maior, em virtude de um importante factor: cerca de 700.000 judeus, presentemente fixados na Palestina, transformaram o aspecto do país, desenvolvendo a agricultura e a instrução, fomentando o comércio e a indústria.

Por sua vez a O. N. U., instituição que se baseia na moral e na justiça e quer manter a paz, só pode inspirar-se em princípios e orientar-se por considerações de equidade.

A decisão da O. N. U. só pode vir, portanto, confirmar a atitude assumida pelos povos civilizados, em 1920.

É, sobretudo, a imprensa americana que insiste numa solução pró-hebraica.

Nesta ordem de ideias todos os jornais de Hearst apoiam absolutamente, este ponto de vista. Num artigo de fundo publicado por todos os periódicos da referida associação de imprensa: «Impõe-se que o Presidente Truman dê instruções à nossa delegação na O. N. U., para se tomar a iniciativa, baseada na política tradicional dos Estados Unidos de apoiar as aspirações tradicionais hebraicas».

Por sua vez, o *New York Post* escreve:

«Se a presente sessão da O. N. U. terminar sem que se adopte um programa mínimo de justiça para os judeus, em relação à Palestina a Organização das Nações Unidas terá entrado no mesmo caminho da bancarrota moral por que enveredou a S. D. N. a quando do caso da Etiópia».

Nesta sessão, porém, não será ainda tomada qualquer decisão. Primeiramente deve sair eleita uma Comissão de Inquérito, desta vez internacional, cuja missão será averiguar a verdade do caso e apresentar o respectivo relatório na próxima assembleia geral do organismo em referência.

É de supor que, tanto os ingleses, como os judeus e os árabes, não façam parte da Comissão de Inquérito, nem tenham voz activa no caso, durante as sessões das assembleias, visto serem interessados directos na questão da Palestina. — SYLVIA.

PARA ONDE VAMOS...

Amanhã venceremos! O Céu assim o promete, desde tempos Bíblicos nós temos visto os nossos opressores desmembrarem-se e os seus restos serem cobertos pela poeira dos Tempos... Deixo embalar a minha alma angustiada na última ilusão que lhe resta, na ilusão que tu Irmão saberás no momento oportuno preencher a vaga do que caiu, de que tu Amigo saberás continuar a luta e proteger a vida do que resta do nosso Povo.

Nesta hora solene de grande aflição, vou revivendo os tristes, mas saudosos dias em que tu Sionista Amigo lutavas contra a barbarie nazi, defendendo o teu país de nascimento, e eras então na boca dos demais «UM PATRIOTA»...

Mas esse tempo passou... Ainda não é o som cavo das enxadas ou o grito estridente das máquinas que anuncia paz e trabalho... antes pelo contrário... A Paz porque morreram milhões de seres foi vendida, traída e espezinhada...

Escuta agora tu, óh Amigo! que tantos campos conheceste, de Belsen até Varsóvia... que representou para ti o dia V?... apenas uma mudança de uniformes... a mentalidade dos carrascos é a mesma... Não morres na câmara de gás... mas morres de inacção... não morres de tortura física, mas morres de desespero...

Ainda por certo de vez em quando te vêm à memória aqueles discursos de certos «leaders», que vertiam lágrimas de crocodilo pelo nosso Povo... Recordas ainda as promessas formais da nossa independência, dos nossos direitos... Recordas-te tão bem como eu disse tudo... mas agora sabes igualmente que apenas fomos o cartaz de propaganda que serviu para esconder a forma mais odiosa de rapacidade e imperialismo existente.

Agora que nada podemos ignorar dos verdadeiros fins da potência mandatária, permite-me que te dê uns conselhos amigos, ditados pelo amor que dedico a Erez de Israel, que como tu, quero que seja a nossa Pátria...

Sabe perceber a tempo, e em tempo desviar as insídias que te esperam; sabe também impávido enfrentá-las com aquela

bravura, com aquela astúcia que nunca faltam aos nossos irmãos de Israel, e, se for preciso, com os pés firmes no chão e a respiração suspensa, possas tu aguentar firme como um rochedo, a vaga dos vândalos senis, que procuram afogar o nosso Ideal de Liberdade.

E... quando tudo: perfícia, bravura, astúcia e firmeza de nada servirem e fores obrigado a recuar... Não esqueças de que agora és terrorista... só porque defendes o teu Povo, o teu lar, a tua crença... só porque não te deixas vender como um escravo... Então, que a tua alma se feche e não deixes penetrar em ti a dúvida que envenena as almas. Sê forte... Não deixes traiçoar os teus princípios, e lembra-te de que quando surge uma desesperança o judeu espera...

As tuas pupilas dilatadas, perscrutarão nas profundas trevas do caos, mas teima e acabarás por descobrir o apagado trilho da estrada que conduz à liberdade... No entanto sê cuidadoso, talvez algum perigo esteja à tua espera. Não deixes inexplorado nem um palmo de terreno... Vela por ti, pelos Teus... pela Pátria que há-de ser nossa... pela Humanidade inteira... isto é a tua missão Sionista Amigo...

Que teus ouvidos estejam sempre alerta, ao mais leve sussurro, qualquer que seja a sua natureza, tua inteligência e condição de explicá-lo quando for preciso.

Confiança Amigo! A hora final chegou! Chegou aquele instante vital em que cada um de nós tem de seguir o seu destino e, talvez, para nunca mais nos encontrarmos... Mas a Terra chama por nós, ansiosa por oferecer o Lar em tempos remotos perdido...

Tu iniciarás brevemente a interrompida marcha para Sion, trilhando estradas vindas de todos os pontos do globo... vindo ao longe o alvorecer duma nova vida de paz e prosperidade... para ti... ou talvez só para os teus...

Recomeçarás as tuas façanhas heróicas, de cabeça erguida e pernas firmes, para simbolizar a posse de domínio. Lutarás novamente pelo ideal sagrado da liberdade humana, levarás o facho sagrado que nos confiaram os nossos maiores, aceso pela terra inteira, indicando a estrada da Con-

Galeria Honorífica

A abrir esta nova secção do nosso jornal — *Galeria Honorífica* — na qual um a um ficarão presentes os mais representativos valores da Raça Judaica, ninguém mais indicado, já que o jornal é do Porto, do que o ilustre judeu portuense e nosso director Artur Carlos de Barros Basto (Abraham Israel Ben-Rosh), «Leader» dos Maranões.

Nascido em Amarante, desde novo Ben-Rosh demonstrou inclinação natural para as letras e para o jornalismo.

Começou colaborando no jornal amarantino *A Flor do Tâmega*, no *Intransigente*, n'*A Luz*, na qual zelosa e proficientemente desempenhou os cargos de director e fundador, no *Israel* cuja directriz também assumiu, etc.

Continuando nas lides jornalísticas, colaborou também no Órgão Comunal do Instituto de Cultura Hebraica de Lisboa.

Publicista ilustre. Notável investigador.

Ben-Rosh é autor de numerosos trabalhos de investigação dos quais apenas destacaremos *Yahia-Ben-Yahia* e *Abraham Zacuto*. Autor de *Labareda*, uma obra em que o poder de observação é grande, mas maior ainda o de crítica. Autor de *Os Judeus no Velho Porto*, o seu maior êxito literário, que tão facilmente fez esgotar a edição.

Fundador do sistema filosófico *Oryamita*, cujos princípios se acham condensados no livro de sua autoria intitulado *Shahar*. Autor de *Por Entre Montanhas*, novelas oryamitas.

Fundador dos Adueiros, adaptação portuguesa do *Scouting* do General Baden Powel. Vogal da comissão da História Militar. Antigo professor da extinta Faculdade de Letras do Porto.



Visto por ABÍLIO SANTOS

... ..
Mas Ben-Rosh não é só esse grande homem de espírito nas letras e no jornalismo. Foi também um forte corpo, embora que alquebrado hoje, coordenado a esse espírito são, corpo esse coberto das mais variadas e maiores condecorações, de que pode ser alvo em batalha pela defesa da Pátria, um nobre e honroso militar. Ben-Rosh, capitão Barros Basto é oficial português dos que mais tempo tem, de frente de batalha.

E, eis resumidamente a biografia de Ben-Rosh, capitão Barros Basto, da primeira pessoa apresentada na *Galeria Honorífica* na qual, como dissemos, uns após outros continuarão passando os judeus ilustres.

Agosto de 1947.

ABÍLIO SANTOS.

córdia e de Deus, a todos os homens de boa vontade...

...E eu evocarei a lembrança destes tempos insertos, em que corremos riscos sem conta de cabeça erguida e cabelos esvoaçando ao vento da Adversidade e Egoísmo, acompanhando-te, passo a passo, dando-te a mão com que construiremos o Lar tantas vezes prometido, tantas vezes negado... por seres que... de humanos só têm o invólucro carnal...

Recordaremos com saudade os camaradas perdidos na estrada que juntos percorremos... e faremos tudo para que o seu sacrifício não tenha sido em vão...

Seja então a piedade a resposta aos agravos sofridos!... Vamos, dá-me a tua mão e sigamos confiantes em busca da Terra que nos espera...

ISAAC JACOB LOPES MARTINS.

Calendário Israelita

Ano de 5708

(Tem 13 meses lunares)

- 1.^a lua (Tishri) — 30 dias
dia 1 — 15 de Setembro de 1947.
- 2.^a lua (Heshvan) — 30 dias
dia 1 — 15 de Outubro de 1947.
- 3.^a lua (Kislev) — 30 dias
dia 1 — 14 de Novembro de 1947.
- 4.^a lua (Tebet) — 29 dias
dia 1 — 14 de Dezembro de 1947.
- 5.^a (Shebat) — 30 dias
dia 1 — 12 de Janeiro de 1948.
- 6.^a lua (Adar) — 30 dias
dia 1 — 11 de Fevereiro de 1948.
- 7.^a lua (Veadar) — 29 dias
dia 1 — 12 de Março de 1948.
- 8.^a lua (Nisan) — 30 dias
dia 1 — 10 de Abril de 1948.
- 9.^a lua (Iyar) — 29 dias
dia 1 — 10 de Maio de 1948.
- 10.^a lua (Sivan) — 30 dias
dia 1 — 8 de Junho de 1948.
- 11.^a lua (Tamuz) — 29 dias
dia 1 — 8 de Julho de 1948.
- 12.^a lua (Ab) — 30 dias
dia 1 — 6 de Agosto de 1948.
- 13.^a lua (Elul) — 29 dias
dia 1 — 5 de Setembro de 1948.

(Este ano tem 385 dias).

Dias festivos no ano de 5708

- Rosh Ashaná* — 1.^o dia — 15 de Setembro de 1947.
Rosh Ashaná — 2.^o dia — 16 de Setembro de 1947.
Kipur — 24 de Setembro de 1947.
Sucot — 1.^o dia — 29 de Setembro de 1947.
Sucot — 2.^o dia — 30 de Setembro de 1947.
Koshana Rabá — 5 de Outubro de 1947.
Shemini Aseret — 6 de Outubro de 1947.
Simha Torá — 7 de Outubro de 1947.
Hanuca — 1.^o dia — 8 de Dezembro de 1947.
Hanuca — 8.^o dia — 15 de Dezembro de 1947.
Purim — 25 de Março de 1948.
Pesah — 1.^o dia — 24 de Abril de 1948.
Pesah — 2.^o dia — 25 de Abril de 1948.
Pesah — 7.^o dia — 30 de Abril de 1948.
Pesah — 8.^o dia — 1 de Maio de 1948.
Shabuot — 1.^o dia — 13 de Junho de 1948.
Shabuot — 2.^o dia — 14 de Junho de 1948.

Jejuns em 5708

- Assassínio de Quedália* — 17 de Setembro de 1947.
Kipur dia de expiação — 24 de Setembro de 1947.
Cerco ao Templo — 23 de Dezembro de 1947.
Jejum de Esther — 24 de Março de 1948.
Tomada do Templo — 25 de Julho de 1948.
Destruição do Templo — 15 de Agosto de 1948.

Visado pela Comissão de Censura